

1961

Editor propr.: José Bernardo da Silva

# A VIDA DE



# PEDRO CEM

---

EDITOR  
PROPRIETARIO  
José Bernardo da Silva

---

## A VIDA DE PEDRO CEM

---

Vou narrar agora um fato que a cinco séculos se deu de um grande capitalista do continente europeu fortuna que como aquela ainda não appareceu.

Pedro Cem era o mais rico que nasceu em Portugal sua fama enchia o mundo seu nome andava em geral não casou-se com rainha por não ter sangue real

Em prédios dinheiro e bens era o mais rico que havia nunca deveu a ninguém todo mundo lhe devia balanço em sua fortuna, querendo dar não podia.

Em cada rua ele tinha cem casas para alugar tinha cem botes no porto e cem navios no mar cem lanchas e cem barcaças tudo isto a naverger

Tinha cem fábricas de vinho  
e cem alfaiatarias'  
cem depósitos de fazenda  
cem moinhos, cem padarias  
e tinha dentro do mar,  
cem currais de pescarias

Em cada país do mundo  
possuia cem sobrados  
em cada banco ele tinha  
cem contos depositados  
ocupavam mensalmente  
dezesseis mil empregados

Diz a história onde li  
o todo desse passado  
que Pedro Cem nunca deu  
uma esmola a um desgraçado  
não olhava para um pobre  
nem falava com um criado

Uma noite ele sonhou  
que um rapaz lhe avisava  
que aquele orgulho dele  
era quem o castigava  
aquela grande fortuna  
assim como veio voltava

Ele acordou-se agitado  
pelo sonho que tinha tido  
que rapaz seria aquele,  
que tinha aparecido?  
depois pensou: ora sonho,  
é ilusão do sentido,

Um dia no meio da praça  
ele uma moça encontrou,  
essa vinha quase nua  
nos seus pés se ajoelhou  
dizendo; senhor olhai  
o estado em que estou

Ele torceu para um lado  
e disse; minha senhora,  
olhe sua posição  
e veja o que fez agora  
reconheça o seu lugar?  
levante-se e vá embora.

— Oh! senhor! por esse sol!  
que de tão alto flutua,  
lembrai-vos que tenho fome,  
estou aqui quase nua!  
sou obrigada a passar  
neste estado em plena rua

Ele repleto de orgulho  
nem deu ouvido saiu  
a pobre ergueu-se chorando  
chegou adiante caiu  
vinha passando uma dona  
que com seu manto cobriu

Era a marquesa de Évora,  
uma alma lapidada,  
tirando seu rico manto  
cobriu essa desgraçada  
ela conheceu que a pobre,  
foi pela fome prostrada.

---Levante-se minha filha  
e pegou-lhe pela mão,  
dizendo à criada dela:  
--vá ali comprar um pão  
que a essa pobre infeliz  
faltou-lhe alimentação

Entregando-lhe uma bolsa  
com quatrocentos mil réis,  
apenas tirou dali  
um diploma e uns papeis  
não consentindo que a moça  
se ajoelhasse a seus pés

E com aquela quantia  
ela comprou um teiar  
tinha mais duas irmãs  
foram as três trabalhar  
dali em diante mais nunca  
faltou-lhe com que passar

Vamos agora tratar  
Pedro Cem como ficou  
e o nervoso que sentiu  
uma noite que sonhou,  
que um homem lhe apareceu  
e disse: olhe bem quem eu sou

Que tens feito do dinheiro  
que tomaste emprestado?  
meu senhor manda saber  
em que o tens empregado,  
e por qual razão não cumpriu  
as ordens que ele tem dado?

Ele perguntou no sonho:  
---mas que dinheiro tomei?  
atè aos próprios monarcas  
dinheiro muito emprestei!  
o vulto zombando dele,  
disse: quem tu ès eu sei

Que capital tinhas tu  
quando chegaste ao mundo?  
chegaste nu e descalço  
como o bicho mais profundo:  
hoje queres ser tão nobre,  
sendo um simples vagabundo?

E metendo a mão no bolso  
tirou dele uma mochila,  
dizendo: é esta a fortuna,  
que tu hás de possuí-la  
farás dela profissão,  
pedindo de vila em vila,

Pedro Cem sonhando disse:  
--vai agoureira te some,  
tua presença perturba  
tua frase me consome,  
de qual mundo tu vieste?  
diz-me por favor teu nome?

---Meu nome disse-lhe o vulto  
és indigno de ser saber,  
meu grande superior,  
proibiu-me de dizer:  
apenas faço o serviço,  
que ele manda fazer.

Despertando, Pedro Com  
daquillo contrariado,  
ter dois sonhos quase iguais  
ficou impressionado,  
resolveu contrafazer,  
e ficar recencontrado.

Pensou em tirar por ano  
daquella grande riqueza,  
sessenta contos de réis,  
e dar de esmola a pobreza  
depois refletindo disse;  
---não se dá maior fraqueza...

Porque ainda, mesmo Deus  
querendo me castigar,  
não afundará num dia  
meus cem navios no mar  
as cem fazendas de gado,  
custarão se acabar.

As cem fábricas de tecidos  
que tenho funcionando,  
os cem parreirais de uvas  
que estão todos safrejando  
cem botes que tenho no porto  
todo dia trabalhando.

Cem armazens de fazendas  
as cem alfaiatarias,  
as cem fundições de ferros  
cem currais de pescarias  
as cem casas alugadas  
cem moinhos cem padarias

E as centenas de contos  
nos bancos depositados  
e tudo isso em poder  
de homens acreditados  
ainda Deus querendo isto  
seus planos serão errados

Pedro Cem naquela hora  
estava impressionado  
quando aproximou-se dele  
o seu primeiro criado  
e disse: ei tem um homem  
diz vos trazer um recado

Mande que entre a pessoa  
ele ao criado ordenou  
era um marinheiro velho  
chegando ali o saudou  
que nova traz meu amigo?  
Pedro Cem lhe perguntou

Disse o velho marinheiro:  
venho vos participar  
que dez navios dos vossos  
ontem fundearam no mar  
morreram as tripulações  
só eu que pude salvar

Que navios foram estes?  
perguntou-lhe Pedro Cem  
respondeu-lhe o marinheiro:  
foi «Tejo, e Jerusalem»  
o «Douro» e «Pensafiel»  
os outros eu não sei bem



Aquele ainda estava ali  
outro portador bateu  
o empregado das vacas  
contou o que succedeu  
incendiaram o cercado  
e todo gado morreu

Pedro Cem nada dizia  
ficando silencioso  
apenas disse: na terra  
não há homem venturoso  
quem se julgar mais feliz  
é pior que cão leproso

Chegou outro portador  
o empregado da vinha  
disse: o deposito estorou  
vasou o vinho que tinha  
Pedro Cem disse: meu Deus  
que sorte triste esta minha!

Saiu aquele entrou outro  
um consul norueguês  
disse: nos mares do norte  
andava pirata inglês  
noventa navios vosses  
tomou ele de uma vez

Meu Deus ó Deus que fiz eu  
exclamava Pedro Cem  
não há homem neste mundo  
que possa dizer: vou bem  
quando menos ele espera  
a negra desgraça vem!

Dos cem navios que tinha  
alguns foram atacados  
e outros pelos piratas  
nos mares foram tomados  
acrescentou a pessoa:  
vinham todos carregados

Ali mesmo vinha o mestre  
do navio Flor do Mundo  
esse fitou Pedro Cem  
com um silencio profundo  
depois disse: senhor marquez  
dez barcaças foram ao funde

Quatro vinham carregados  
com bacalhau e azeite  
duas vinham da Suécia  
com queijo manteiga e leite  
de todas mercadorias  
não tem uma que aproveite

Quatro das dez que afundaram  
traziam pérola e metal  
só da Ilha da Madeira  
vinha um milhão de coral  
topázio; rubi, brilhante  
ouro esmeralda e cristal

Pedro Cem baixou a vista  
nada pode refletir  
exclamou: que faço eu?  
devo deixar de existir?  
mas matando-me não vejo  
isso onde pode ir

Chegou o moço do campo  
tremendo muito assustado  
e disse: senhor marquez  
venho aqui horrorisado  
deu murrinha nas ovelhas  
e mal triste em todo gado

Naquele momento entrou  
um rapaz auxiliar  
esse puxando um papel  
disse: o venho procurar  
tudo quanto se perdeu  
na barca «Ares do Mar»

Pedro Cem pergutou: quanto?  
tirou o moço uns papeis  
que se lia entre brilhante  
pulseiras, colares, aneis  
um milhão e quatrocentos  
e vinte contos de réis

Entrou outro auxiliar  
disse: eu quero pagamento  
por tudo que se perdeu  
no «Navio Chave do Vento»  
vinha da América do Norte  
com grande carregamento

Chegou um tabelião;  
dar licença senhor marquez?  
venho lhe participar  
que o grande banco francês  
dois alemães e três russos  
quebraram tudo de vez

- Lá se foi minha fortuna!  
exclamava, Pedro Cem,  
ontem fui millionário,  
hoje não tenho um vintém,  
só mesmo na campã fria,  
eu hoje estarei bem.

Dando balança nos bens  
quiz até desesperar  
tudo quanta possuia,  
não dava para pagar,  
nem pela décima parte,  
os prejuizos do mar.

Exclamava: oh! Pedro Cem  
que será de ti agora?,  
o pouco que me restava,  
a policia fez penhora!  
Pedro Cem d'agora em diante  
vai errar de mundo a fora.

Cumprir esta sorte dura  
que a desventura me deu!  
talvez muitas vezes vendo,  
aquilo que já foi meu,  
em lugar que não se saiba  
quem neste mundo fui eu!

Ali no terraço mesmo  
ferrando o chão se deitou,  
às onze e meia da noite  
o sono concillou,  
então senhando viu,  
o rapaz que lhe falou.

Aquele perguntou: Pedro . .  
como se foi na empresa?  
já estás conhecendo agora,  
quanto é grande a natureza?  
conheceste que teu orgulho,  
foi quem te fez a surpresa?

Metendo a mão na algibeira  
dali um quadro tirou,  
onde havia dois retratos.  
que a Pedro Cem os mostrou  
conheces esses retratos?  
o rapaz lhe perguntou.

Via-se naquele quadro  
uma dama bem vestida,  
Pedro Cem disse por senho:  
essa é minha conhecida.  
a outra uma moça pobre,  
com fome no chão caída.

Pergunta-lhe o rapaz:  
quem é essa conhecida?  
—é a marquezia de Évora,  
—e esta que está caída?  
—essa é uma miserável,  
dessa classe desvalida

O rapaz puxa outro quadro,  
verde da côr da esperança,  
onde se via um monarca  
suspendendo uma balança  
estava pesando nela,  
caridade e confiança

Mostrou-lhe mais 4 quadros que Pedro Cem conheceu, tinha a marquês de Évora quando a bolsa a pobre deu que estirou a mão dizendo, toma o dinheiro que é teu.

No quadro via-se um anjo assim nos diz a história, com uma flôr onde se lia: «jardim da eterna glória presenteada por Deus, esta palma da vitória»

Quem planta flôres tem flôres quem planta espinho tem espinho Deus mostra ao espírito fraco, o que nega ao mesquinho, a virtude è um negócio, a bôa ação um caminho

Depois que ele acordou-se triste e impressionado, interrogava a si próprio: porque sou tão desgraçado? achou na cama a mochila a que ele tinha sonhado.

—Será esta a tal mochila que o fantasma me mostrou? é este o homem que em sonho em desespero exclamou na noite que a cruel sina, em sonho me visitou?

De tudo restava apenas  
a casa de meradia,  
essa mesmo embargaram  
antes de findar-se o dia,  
então disse Pedro Cem:  
--cumpriu-se a tal profecia.

Lançando a mão da mochila  
saiu no mundo a vagar,  
implorando a caridade,  
sem alguém nada lhe dar,  
por umas cinco ou seis vezes  
tentou se suicidar.

Ele dizia nas portas:  
uma esmola a Pedro Cem,  
que já foi capitalista  
homem que teve hoje não tem  
a quem já a-guei esmola,  
hoje me negam também

Foi ele cair com fome  
na casa daquela moça,  
quando foi a porta dele,  
com fome frio e sem força  
que ele não quiz olhá-la,  
e a marquezia deu-lhe a bolsa

A criada o viu cair  
exclamou: minha senhora!  
ande ver um miseravel,  
que caiu de fome agora!  
---onde? perguntou a moça,  
Ana lhe disse; ali fora.

A moça disse a criada  
que trouxesse leite e pão  
aproximando-se dele  
disse: o que tens meu irmão  
bateste em todas as portas  
não encontraste um cristão?

Senhora se vós soubésseis  
quem é esse desgraçado  
não abriria a porta  
nem me dava esse bocado  
respondeu ela: conheço  
porém esqueço o passado

Recordo-me que a marquezia  
fez minha felicidade  
viu-me caíla com fome  
teve de mim piedade  
deu-me pra comprar um pão  
e esta propriedade

Pedro Cam se levantou  
disse obrigado e saiu  
andando duzentos passos  
tombou na terra e caiu  
e umas frases tocantes  
em alta voz proferiu

«Vai unir-se a terra fria  
o que não soube viver  
soube ganhar a fortuna  
mas não a soube perder  
se tenho estufado a vida  
tinha aprendido a morrer



Foi como a corrente d'agua  
que pela serra desceu  
chegou o verão secou  
ela desapareceu  
ficando só os escombros  
por onde a agua correu

Eu tive tanta fortuna  
não socorria a ninguém  
a todos que me pediram  
eu nunca dei um vintèm;  
hoje eu preciso pedir  
não há quem me dê também

Não desespero, pois sei  
que grande crime espio  
nasci em berço dourado  
darmi em colchão macio  
hoje morro como os brutos  
neste chão sujo e tão frio»

Foram as ultimas palavras  
que ele ali pronunciou  
Margarida aquela moça  
que a marqueza embrulhou  
botou-lhe a vela na mão  
ele ali mesmo expirou

A justiça examinando  
os bolsos de Pedro Cem  
encontrou uma mochila  
e dentro dela um vintèm  
e um letreiro que dizia:  
oatem teve hoje não tem

Fim---2-9-61-Preço 15,00

2.9.1961

# Tip. São Francisco

José Bernardo da Silva

Em frente d'agua  
e em um variado surtimento de romances, Folhetos  
e panfletos, Orações etc. Grande decorio para os re-  
tales e Medoras. Tambem vem a Tenda o famoso Lunar o  
Toderno, com todos os calculos astrologicos para os  
governos do Norte Brasileiro.

Não avendemas Neembolse postal

Rua Sta. Luiza, 263 — Juazeiro — Ceará

AGENTE

Maria Athayde — Rua S. Miguel, 172

Caruaru — Pernambuco



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).